

Luto para a Brigada "João Dias" de Literatura

Dom. 8/1/89

...pela morte do seu fundador, o jovem escritor Castigo Zita



Albasini, para o qual ele investigou dados no Arquivo Histórico de Moçambique. Esta «Escolta da Semana», através do conto «A Viúva de Guijá», publicado na revista juvenil literária «FORJA», é uma homenagem ao jovem escritor e no grande trabalhador da literatura moçambicana.

A Brigada «João Dias» de Literatura em particular e as letras moçambicanas em geral estão de luto pela morte prematura e súbita do jovem escritor Castigo Zita, ocorrida em Harare no passado dia 26 de Dezembro último. De 27 anos de idade, Castigo foi um dos principais fundadores da «BJD» em 1986, através da qual ele lutou abnegadamente — quer em sessões de dinamização literária nas escolas, fábricas e empresas de Maputo e de outras províncias, quer por meio de exposições — para reabilitar a imagem do escritor moçambicano João Dias, uma das maiores figuras literárias moçambicanas. Trabalhador persistente, Castigo gozava, entre os seus amigos do AEMO e outros jovens escritores, de uma certa priviledgiada, embora ele se incomodasse muitas vezes com

isso, por causa da sua humildade que se confundia com a timidez. A revista literária «FORJA» perde, pois, o seu fundador, coordenador e dinamizador. Como escritor, «esperava-se muito dele», de acordo com amigos, admiradores e vozes autorizadas da Associação Moçambicana de Escritores. Escreveu maravilhosos contos, alguns dos quais foram publicados nas revistas «Charrua» e «Forja» e nas páginas literárias dos semanários «Domingo» e «Tempo» das quais Castigo foi um colaborador assíduo. Mas morreu um pouco frustrado — denuncia o seu amigo António Firmão. — Nunca a crítica se pronunciou sobre a sua obra. Castigo Zita estava a preparar um livro de contos. Além disso deixa por editar um livro sobre a vida e obra de João

A viúva de Guijá

Poucas horas depois do sol se ter trancado no poente, deixando apenas o vestígio do seu calor abrasador, uma mulher pequena e magra, embora indicasse já um certo peso de idade, subia o prédio Arganil, fazendo pequenos descanços por causa da sua respiração asmática. Depois de fazer a necessária pausa, seguia o cobrir das escadas, entortava-se, sempre devagarinho, rumo à flat onde viviam os Ba Nhamposse desde os tempos da independência. Ao longo do trajeto para o segundo andar, sem luz por causa dos ladrões que roubavam as lâmpadas sempre que se punha, adivinhava restos de cigarros, papéis atirados ao acaso, apalrava com os pés descalços o amonico que os miúdos tinham semeado nas brincadeiras do céu.

canhoeiro não diziam outra coisa — Hi tchope n'tchila — comenta, v Lembrasse de chover e isto se inventa. — Chuva mal educada. Éte parece que os deuses esqueceram-se das chaves. Quando se achou diante da porta da casa dos Ba Nhamposse, ficou de pé durante uns minutos, as mãos na cintura para evitar entrar a miar como os gatos. Aquela asma era uma chatiche grande. Contrariava os seus planos de mulher decidida, impedia-na de andar a procura de vida tal como os que usam calças. E é curioso como as raízes do velho Manasse não tinham surtido efeito. — Não vale a pena o hospital de Brancos — dissera-lhe o marido — só dão quininos para calmar. — E aí estava ela, a asma a acompanhar-lhe a idade, sem consento obrigando-a a atirar-se no vale dos lençóis à espera que a crise passe.

bateria ensurdecadora e o silêncio instalou-se de novo, hirto como um cadáver. A partir dessa altura o mundo não seria mais mundo senão uma poça de água onde nadariam carros, gente a chapinhar, os sapatos nas mãos, as mulheres de saias erguidas, os seios arreplacados. A recém-chegada soergueu um pedaço do corpo e nesse curto espaço constatou que o homem jantava arroz branco e o acompanhava com caril de timbheva admirando-se intimamente onde teria este bitonga arranjado tão apreciável carne e se os bitongas comiam timbheva ou rãs. Pelo menos quando era pequena, em Guijá, quando chovesse via muitos Nhamposse a perseguí-los, caçando-os nos arbustos mergulhados na água. Os bichos a perguntarem-se e a responderem-se sem fim, até que uma rede os aprisionasse para acabarem num pau espetado a rodar por cima do fogo. Passavam mais ou menos duas horas quando Nhamposse se resolveu finalmente a levantar da cabeceira da mesa, foi à cozinha, levou as mãos, conviu-se a meter a água na boca, aspergiu-a depois de buchechar a sua enorme boca. Veio sentar-se perto da visitante, cruzou as pernas e acendeu o cigarro, agora consciente das suas responsabilidades de chefe. A mulher reagiu expirando fortemente.

sempre continuarão a sua cidade. Apesar de viver agora na cidade, levava consigo na memória o respeito pelo morto: estaria enterrado diante de qualquer casa onde quer que ela fosse viver para não ser esconjurado pelos deuses e para que os seus filhos não sofressem no futuro o castigo de não parir por causa disso. — Não era homem que fumasse — repisou enquanto acariciava as tripas do sofá que não parava de rir. — É por causa disso que não aceita amigar-se comigo — perguntaram os olhos cobicosos, muito mais lascivos do que estavam minutos atrás. No momento em que a dona Marta se predispunha a responder, saía da cozinha a mulher do chefe, a ralhar com os miúdos que discutiam por causa da cabeça do peixe, a jogarem barabatisa-não-mexe. Era uma mulher forte, bastante alta que contrastava com o tipo de chefe que era baixo, escuro e fora isso magro. A mulher ajoelhou-se a desejar as boas-noites e depois de ter procurado saber da saúde, lamentar os mosquitos de Dezembro, retirou os pratos da mesa, comentando sobre o tempo pois lá fora começara a chover. — Chefe — chamou a visitante — o que me trouxe aqui é a guia do miúdo que vai a Guijá. O homem puxou com força o fumo do cigarro e voltou a depositar os olhinhos cobicosos de maneira por cima dela. — Porque é que a dona Marta não inebrou para cá o nosso rapaz? Não se a tanta magade! Mostrava-se muito simpático para com ela porque desejava. A única coisa que lhe desagradava nela era o seu miúdo apego ao rapé. Mesmo assim o desejo impunha-se, contrariava-o a ponto daquilo parecer um feitiço. Havia vezes que querendo fazer amor com a sua mulher só pegava imaginando a dona Marta na mais incrível das posições, afirmando-se-lhe maior que o quarto, tentando reter a sua imagem que lhe fugia e galopava para o lado fictício das coisas.

dava ninguém. Haviam-no escolhido para chefe do quartirão sem que desse o seu acordo. «Hei-de lhes mostrar quem eu sou», disse para si nos pensamentos, depois que insistiram, apesar de ter discutido, explicando as implicações que podia trazer a sua escolha; as preocupações em relação à família, o emprego de enfermeiro que às vezes o obrigava a trabalhar à noite, sem falar dos velhos em Chitucue que esperavam do seu bolso. — A dona Marta sabe muito bem que há anos — disse o chefe — que não desejo outra coisa senão dormir consigo. Pronunciou estas palavras sem o mínimo de rodeio, porque há muito que a ideia se cozeria e adquirira por enquanto a solidez de coisas fritas. A chuva tombava no asfalto e no Veneza a conversa ia alta. Apuraram em casa do chefe outros preocupados e de súbito a pequena sala ficou sem espaço para se meter uma agulha; gente trazendo os mesmos problemas de guias, documentos por fazer regularização de cartões. Enquanto o chefe preenchia os papéis o silêncio foi tal que se poderia cortar à faca, até que a mulher gorda bateu a porta pedindo de joelhos ao chefe para que a acompanhasse ao Circulo para levantar o marido que se tinha esquecido dos documentos ao acompanhar o irmão. Até que acabaram todos os atendimentos a dona Marta não estava aí, pois os seus pensamentos haviam-se detido na estranha manhã em que o marido fora colhido pelo carro.

— O céu, contrariando o que havia sido o dia apresentava-se carrancudo, coberto de nuvens acastanhadas que fizeram suspirar a mulher. A ser assim os deuses hão-de acabar por chorar as suas lágrimas, pensou confundida se devia considerar coisa boa ou má. Pensou também no filho, o Raulzinho, que ia seguir viagem a Guijá, nos aborrecimentos que isso podia causar nos caminhos e sobretudo nos controles caso não conseguisse lugar para sentar. Fazia quinze anos que a família vivia na cidade Contudo, ainda existia o cordão umbilical que a ligava a aquelas terras pedregas de feticheiros e de corujas e mochos que não paravam de cantar, até que a aldeia acordasse numa manhã triste e chuvosa, com gritos de aflição e pranto espalhado, idêntico à chuva que em começando não parava como se os deuses tivessem perdido as chaves para trancá-la. Pensou depois, por associação de raciocínios na destulção permanente de homens e mulheres que buscavam em cada sol, em cada manhã que despontava o melhor e ficavam satisfeitos que nem um cão porque ainda andavam em um lugar para o outro, semelhantes a três feijões a ferver. Lembrava-se com um sorriso apagado tantas manhas feitas, há muito tempo, quando a chuva escasseava e o rio Limpopo não era mais que um fio, liso e afiado como uma agulha. Mulheres e homens, homens e mulheres tontos para carraças, perfilados com os seus xitende, cantando, chamando os nomes mais feios que existem, seminus, percorriam a rua das cantinas do Mendo, seguiam para Ngonyamini chegavam até ao rio onde o davam de costas e mijavam sobre ele. As pessoas nunca estão contentes com nada pelo menos enquanto estão vivos, pensou a achar graça esta cerimonia de chuva.

Para lá da porta não se ouvia ninguém a falar nem sequer o barulho do «Xirico». Pensou então desgostada, que os Ba Nhamposse estivessem já a dormir. Através da pequena janela que comunicava com a estrada notou que de facto, não devia ser muito tarde pois as pessoas acompanhadas até por crianças, ainda circulavam, falando alto, no Veneza as portas estavam abertas e regurgitava de uma multidão faladora, a trocar palavras e a beber copos. Então sentiu como uma dor que apareceu de súbito, sede de bater uma cerveta e cuspiu ao chão de cimento a ralva do seu desejo. O próprio Nhamposse surpreendeu, tal fora a violência do cuspo, abriu a porta num repente e apanhou-a desprevenida, a limpar o resto do rapé de mistura à gelva que se tinha colado à capulana. — Se vem para aqui — disse ele — entra que a porta está aberta. A mulher entrou ainda a considerar a posição da capulana e foi directamente sentar-se no sofá antigo e de uma bancura antiga, rangado, em gargalhada suspensa. O próprio Nhamposse estava à mesa parecendo não se ter dado conta da chegada dela. Havia em casa um silêncio de bloco, sólido e concreto e só de quando em quando as vozes das crianças subiam ao ar, da ilha da sala onde se localizava a cozinha. — Cipelile Bhuva Nhamposse — disse ela com o tom fainho de mosquitos. Estava-se a jantar. O café continuava a espalhar o suor os mosquitos zuniam quando um raio incendiou a cidade, o mundo estre meçou duas vezes e durante alguns segundos se registaram gritos de crianças trilhadas de medo. A música do espaço escorregou até ao fundo os bembóis da sua

Na sua cabeceira as coisas transforçavam-se e ficava apenas a lembrança do tumulto diante da palhota, para que a mulher não esquecesse dele cada vez que entrasse nela. E caso trouxesse um homem para dormir com ela, esse homem que o vinha corar, visse e reconhecesse o verdadeiro dono das roupas, dos seus bens que para

— Era um fio pequeno que deixava crescer à medida que a via, ponderando com os seus complicados raciocínios de barriga para o ar, as carnes nuas e lícidas por causa da idade, pronunciava-lhe o sabor antigo de bolotas murchas, uma bolota experimentada e trepada pelas chaves intermitentes do Veneza, pelas frias cortantes de Inverno. Era enfim uma bolota, aquela humana, sobrevivente das desgraças da mãe nature. — O miúdo anda muito ocupado pela viagem — disse a mulher. O chefe esmagou o cigarro no cinzeiro de barro, puxou as pernas, lentamente começou a abanar a perna calcada com sapato de camurça cambado e com os dedos a espreita. Ele enfrentava sozinho os seus problemas e não incomo-

— Depois carregaram o corpo de quem fora o meu marido e foram depositá-lo num edifício ao lado do hospital rural de Guijá. Três dias depois e porque a tal casa que chamavam morgue tinha frigoríficos escafiados, quando a família do meu marido quis lavar o cadáver, não encontrou senão um roncote podre de carnes a transbordar, moscas de cabeça azul que entravam nos intestinos e saiam num murmúrio fúnebre dos mochos de Guijá. A chorarem pegaram membro a membro do corpo desagradoado como se fosse carne para o talho, lavaram-no e colocaram os ossos desmembrados no caixão com o miúdo sem com que deitam feijão às latas. A este tempo é possível que do meu homem não haja nem uma fibra de carne, que tenha apodrecido de vez. Apenas ossaturas sem cheiro, ossos velhos e secos, mantidos por ligamentos e tendões a desfazerem-se, o crânio descaído, os buracos dos olhos eternamente desabaixo da terra, sem nenhuma expressão. — Parece estar muito longe daqui, dona Marta — disse o homem com o sorriso falso. Continua no próximo número